

Pensar a Leitura/Pensar a Escritura, Hoje

Vera Casa Nova

(UFMG)

Todas as formas se mudam, decaem e perecem ou se transformam, são todas efêmeras e caducas, ao passo que a idéia ou substância é sempre viva, verde e eterna.

João Ribeiro, *Páginas de Estética*, p. 87.

Pensar o efêmero, o transitório e ao mesmo tempo insinuar contrastes: pobreza/riqueza; quem lê/quem não lê; quem pode/quem não pode; quem sabe/quem não sabe. Tudo isso e muito mais, quando penso na leitura de um livro por um e/ou muitos.

Livro-texto-verso-frase. Livro-objeto de muitos sentidos insistindo, persistindo na História. Mas como pensar a leitura sem pensar o tempo e o espaço na contemporaneidade?

O 3º. mundo: A América Latina, a África, o Haiti... de analfabetos que lêem tudo sem as letras. Aqui não há possibilidade de certezas ou de verdades absolutas. Nós, pobres inseguros e carentes, nos apoiamos em qualquer verdade que tenha aparência de verdade. Por isso corremos atrás de fragmentos de conhecimento sobre os objetos eleitos, escolhidos por nós.

Estamos diante de objetos semióticos, de imagens plurivisuais e o livro continua ali a nos observar. Uma outra leitura colhendo sentidos cuja referência está na história do indivíduo, do sujeito. Algo semelhante a fractais.

Fractal, qualquer coisa cuja forma é aparentemente irregular, interrompida, descontínua. Um objeto físico que mostra uma forma fractal, forma poligonal, com numeroso número de lados. Dimensão fractal da leitura, ato de recepção como produção de sentidos que muda a própria natureza do objeto.

Não há mais lugar para o autor que exclui a multiplicação, o jogo de possíveis sentidos do seu texto. Bakhtin pensa o romance como uma orquestração de vozes, uma polifonia, onde múltiplas vozes se encontram.

Ao nosso redor existe uma polifonia, ou melhor, nós somos também uma polifonia. Ao percorrer versos, narrativas variadas, jornais, revistas, textos variados, assim também imagens, estamos diante de uma multiplicidade concreta, numerosos sinais, símbolos, signos que nos espreitam e nos solicitam. Em nossos relacionamentos, em nível individual ou social esbarramos em máscaras e poses variadas.

Acostumados ao mimético exacerbado a que nossa cultura nos submete, ao “surplus” da cultura de massa, ao signo reduplicador, ao estereótipo, ficamos perplexos, surpresos diante da desintegração, da desconstrução dos signos. O próprio livro passou a descartável, ou ainda, é lido pela capa, pela orelha, pela resenha. O processo de leitura é mais veloz, tanto quanto o ato de ler imagem. O texto deve ser curto para ser lido. A frase é curta. A sintaxe minimalista. O verso um multiplicador sintético.

Domina a imagem virtual, a que é formada pelos raios luminosos, que divergem depois de atravessarem um sistema ótico. A ancoragem dos sentidos parece nos desapontar. Diante de um olhar desarmado, as imagens circulam, pulverizam-se. Onde está a representação que o próprio significante aponta? Imago, imagem, imitação. Não mais a imitação a que Aristóteles se referia, mas a mutação. Tempo e espaço imagético em fluxo constante. A vinheta apresenta a novela *Olho por Olho*. A imagem petrificada do homem e da mulher eroticamente se move, metaforizando a imagem eletrônica em sua virtualidade.

A referencialidade é escamoteada ou circula por entre as linguagens. Os efeitos de real, idem. Homologa-se o real. No poético, a coragem, os jogos metafóricos e metonímicos excedem. Como ler? Como ler essa profusão de textos, sons, imagens? Que operadores de leitura podem ser fornecidos? O signo ainda é portador de sentidos?

O texto, lugar de permuta de textos, aí incluídos o leitor e o autor, permite a leitura combinatória, pois ele também assim o é. Fazendo com que só o ato de ler potencialize a leitura, Um texto poético traz a marca de um sujeito a se mostrar e a se esconder. Esse sujeito, tão premiado em nosso meio acadêmico é mais um “voyeur” de seu próprio fazer e/ou narrar. O sujeito que o lê constrói ou desconstrói esse texto. Um outro sujeito vai se fazendo. O “autor” fornece dicas apenas, traços, pistas para o leitor que trilha caminhos possíveis e previstos pelo texto.

O sentido do signo pode estar em qualquer lugar. Depois de um lance de dados de Mallanné, esse texto profético/poético, em que a página/folha em branco foi preenchida em torvelinho, desenhada e siderada, sob formato de galáxias, todas as constelações de versos podem acontecer. A linearidade virou um acaso. Verdadeira produção fractal de versos, tal qual uma produção computadorizada de imagens.

O advento do hipertexto, na era do computador, vídeo-textos, “softwares”, pode ser um dado a mais na imprevisibilidade de programas de leitura.

A leitura e a produção do texto implicam, hoje, na superposição de sentidos, com as alternativas virtuais da escritura. Não penso aqui no fim do livro, mas penso um outro livro, um outro texto. Um livro como o que Blanchot definiu, uma outra dimensão de livro: múltiplo em todos os sentidos.

O filme de Claude Deville – *A Leitora* – coloca-se para nós como uma possibilidade nostálgica. Leitor para o outro. Resgate do oral e do escrito poético, narrativo. Valorização do livro enquanto corpo. Corpo enquanto lugar de emoções, prazer, gozo. Escritura e leitura, autoria e co-autoria.

Quando Calvino escreveu suas propostas para o próximo milênio apontava para um novo paradigma que se articula. Pensar a escritura e a leitura, pensar uma ponte entre duas culturas, por exemplo entre a científica e a literária, pensar essa complexidade, “o acaso organizador”, a “auto-organização”, a “ordem pelo rumor”, “o sistema auto-referencial” etc. são tentativas conceituais para uma nova inteligibilidade do mundo, uma nova proposta de leitura que ultrapasse, por um lado, o circuito fechado do sentido e a proposta mallarmeana que vinga até hoje nas *Galáxias*.

Pensar a leitura / a escritura dentro do movimento da produção de sentidos passa pela natureza de uma e de outra, e sobretudo pelo estudo das condições históricas de produção e recepção da multiplicidade. Quando Barthcs escreveu *Prazer do Texto* diferenciando texto de prazer e texto de gozo ele se centrava no paradigma do desejo, mas foi ele mesmo que possibilitou as novas condições de se pensar a leitura desse texto novo que ora aparece. Hoje diante do descontínuo, da não linearidade dos textos, das imagens, dos hiper-signos, dos variados descolamentos, é urgente pensar novos paradigmas que possam dar conta do que está se passando.

A instalação multimídia, que vimos recentemente no Palácio das Artes *Poscatidevenum* e o espetáculo neo-vanguardista *Ouver*, mostram essa não-linearidade, o prismático das leituras, as inúmeras possibilidades de traduções intersemióticas, a impossibilidade do sentido único, verdade legitimadora do sentido. Mais do que nunca a produção de sentidos é explicitada pela arte. A maneira mais clara de se entender isso é de como, através do controle remoto, construímos nosso programa de tv. Recortamos propagandas, novelas, filmes, entrevistas, construímos uma verdadeira narrativa. Produção descontínua, leitura descontínua. Colagem de fragmentos, “micropalimpsesto” obtido com novos significados, novos valores, logo novas semioses.

A fragmentação, a aglomeração sígnica, que faz inexistir os significados, ou desintegra-os, faz circular os significantes, produzindo novos sentidos. Sentidos descentrados pelo próprio sistema. Assim, só nos resta a viagem sígnica ou como disse Haroldo de Campos essa aventura sígnica... O processo de leitura, assim, pressupõe interrupções freqüentes, recortes, fragmentos de toda ordem, repetições, paródias. Estamos diante de fracionamentos de um fluxo de ordem de comunicação, da cultura, da arte, na fonte e na recepção.

O leitor é um viajante. Tal qual nos mostra Baudrillard, em seu livro “América”. Viajante do deserto, emblema da América. Literatura de viajantes. Tão-somente um viajante de sentidos que assim também nos faz. Um viajante que se encontra com o imprevisível, com a polifonia de vozes culturais em cada esquina do percurso.

Volto a pensar na multiplicidade, mas não no espaço pretensiosamente livre, ou melhor selvagem ou ingênuo do ler ou do fazer. É a língua a que estou submetida que assim o exige. E é essa mesma língua que me perpassam, que me faz ir ao encontro de outras linguagens. Ler, em seu sentido etimológico indica qual direção tomar, colher sentidos. Assim ao ler nos transformamos de alguma forma. A leitura seria o gesto do corpo que, ao mesmo tempo, instala e perverte a sua ordem, como afirma Barthes. Ela nos modifica sem nos darmos conta. Num movimento de apropriação, eu adiro às leituras que faço e assim saio do lugar em que estava.

Assim ao pensar a leitura e a escritura volto-me para as questões que estão aí a nos deixar inquietos. O que será da leitura se os códigos se multiplicam, e só temos deles algumas frações de sentidos? Parece-me que

é preciso aprender a ler novamente, ou seja, estar aberto à leitura dos signos verbais e não-verbais a partir dos outros meios, que não tão somente a interpretação, mas a criação de relações, para que se possa, diante de justaposições e da interpenetração dos códigos, observar e propor outros meios de apreensão do que está aí no mundo.

Pensar, sentir, ver as mudanças do ato de ler enquanto uma complexidade, enquanto prazer de decifrar enigmas, enquanto instigação. Passar pelo vago, pelo indefinido, pelo indistinto, sabendo que ali reside alguma coisa perturbadora que nos obriga a atravessar faces.

O silêncio, os gestos, as vozes, os ritmos, as palavras e todas as linguagens, enfim, fazem parte do drama do sujeito, por isso devem ser lidas, escutadas como risco, presente nas relações entre sujeitos produtores de sentido, produtores de imagens, de sobredeterminações...

Cito Barthes: “o que normalmente se ouve (principalmente no campo da arte, cuja função é freqüentemente utópica) não é a presença de um significado, objeto de reconhecimento ou de decifração, é a própria dispersão, o jogo de espelhos dos significantes, incessantemente reproposto por uma escuta que os produz constantemente, sem fixar nunca o sentido: este jogo de espelhos chama-se significância (distinta da significação): ao escutar um trecho de música clássica, propõe-se ao ouvinte que o decifre, ou seja, que reconheça (servindo-se da cultura, da atenção, da sensibilidade) a construção, tão codificada (pré-determinada) como a de um palácio em dada época. Mas ao escutar uma composição de Cage, escuta-se um som a seguir a outro, não na sua extensão sintagmática, mas na sua significância bruta e como que vertical: ao desconstruir-se, a escuta exterioriza-se, obriga o sujeito a renunciar à sua intimidade”.¹

Ler e escutar as faces e as interfaces dos fragmentos, das rupturas, das dobras, das lacunas, para se ascender ao sujeito e à sua arte. Não à sua totalidade, mas às frações do seu conhecimento, de sua cultura. Penso que seja essa a via de aproximação dos processos de produção de sentido dos textos que nos são dados a ler.

¹ BARTHES, R. *Escuta*. Verbete da Enciclopédia Einaudi. v.11. Lisboa: Casa da Moeda, 1987.